

DO VELHO OESTE À GUERRA NAS ESTRELAS, A TESE DA FRONTEIRA E A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA ESTADUNIDENSE: APONTAMENTOS.

Luiz Carlos Checchia
Diversitas, FFLCH/USP
luiz.checchia@usp.br

Eixo 07. Ciências Humanas

O presente artigo apresenta apontamentos acerca da Tese da Fronteira e como é reatualizado no cinema estadunidense. Para a pesquisa utiliza-se estudo comparado e análise de discurso nos roteiros dos filmes **No Tempo das Diligências** e **Guerra nas Estrelas**.

Palavras-chave: Ideologia. Tese da Fronteira. Cultura de Massa

Algo interessante sobre as ideologias é que elas precisam ser constantemente reatualizadas de acordo com a época e a conjuntura em cada sociedade. O desenvolvimento das relações sociais tem um certo dinamismo, ainda que condicionado por diversas determinações da vida concreta, por isso, as ideologias precisam ser também dinâmicas.

Este pequeno ensaio tece apontamentos acerca de como significados plasmados na *Tese da Fronteira*, formulado por Frederick Jackson Turner, no final do século XIX, foram e continuam sendo reatualizados pelo cinema estadunidense. Para isso, poderíamos olhar diversas obras do *mainstream*. Desde **O Nascimento de uma Nação**, de D.W. Griffith, realizado em 1915, muitos dos grandes sucessos do cinema dos EEUU trazem às telas as ideologias que formam sua mentalidade nacional. Aqui, optamos por abordar e cotejar dois desses sucessos: o filme **No Tempo das Diligências (Stagecoach)**, de John Ford, e **Guerra nas Estrelas (Star Wars)**, de George Lucas. Os critérios da escolha são: 1) o distanciamento temporal entre ambos; 2) serem filmes que, enquanto projetos, foram alvo de desconfiança de seus produtores, pois eram considerados temas “fora de moda”, portanto, com pouco potencial de atrair o interesse do público; 3) lotaram as salas de exibição logo em seu lançamento, tornando-se referências em seus gêneros e até hoje são aclamados pela crítica e pelos públicos especializado e popular revertendo a desconfiança enquanto projeto para consolidarem-se como referencial cultural; 4) ao tornarem-se referência cultural, incorporaram-se ao senso comum, tornando-se parte expressiva da *cultura comum*.

A Tese da Fronteira e a formação ideológica estadunidense

A *Tese da Fronteira* foi formulada pelo influente historiador estadunidense Frederick Jackson Turner, que a apresentou no artigo **O Significado da Fronteira na História Americana**, publicado em 1893. A *Tese da Fronteira* defende que o estadunidense é um tipo humano singular, formado pelos esforços empreendidos na conquista do oeste bravo, também chamada, à época, de *terra livre*. Essa singularidade se constitui de diversas características,

das quais destacamos: a) o desenvolvimento de uma personalidade individualista, empreendedora e laboriosa; b) a valorização do núcleo familiar e comunitário, das relações próximas, como grupos de trabalho e vizinhança; c) o desenvolvimento de uma cultura centrada no esforço individual e do mérito pessoal; d) valorização da honra e da moral cristã. Esses pontos se constroem no próprio desenvolvimento daquela nação.

Os Estados Unidos de nosso imaginário, aquele imenso país que atravessa continuamente o continente e banhando-se em dois oceanos, o Pacífico e o Atlântico, é uma construção recente. Desde a chegada dos primeiros colonos ingleses ao território americano até a vitória da independência contra o jugo do absolutismo britânico, em 1776, os Estados Unidos da América se restringiam às poucas colônias localizadas na costa leste. Tudo o mais eram territórios pertencentes a outras nações metropolitanas: uma imensa extensão no coração do continente pertencente à França, outra porção pertencente à Espanha e, ainda, as terras que continuaram em posse inglesa. Outro vasto território ainda se manteve livre da invasão europeia, ocupados por diversos povos originários. A partir do século XIX, os Estados Unidos se lançaram no que ficou chamado como “conquista do oeste”. Na verdade, um intenso processo de colonização interna que envolveu a compra de territórios (a aquisição da Luisiana, que pertencia à França e da Flórida, então da Espanha); a guerra contra o México, conquistando quase metade de seu território; e o confinamento dos povos indígenas que aceitaram viver em reservas (geralmente muito menores do que precisavam para sua sobrevivência), ou ao extermínio daqueles que se recusaram a ser confinados. Antes do final daquele século, já haviam ocupado todo o território continental que conhecemos hoje.

A *Tese da Fronteira* atualiza e confere status de corpo científico à outra ideologia estadunidense, a *Doutrina do Destino Manifesto*. Atribui-se ao jornalista John O’Sullivan a autoria dos editoriais que circularam tanto no jornal **The Democratic Review** quanto no **New York Morning News**, em meados de 1845, e que sintetizavam sob o termo *Destino Manifesto* as ideias que estavam em circulação já alguns anos. Tais ideias defendiam a anexação do Texas pelos EEUU bem como lançarem-se à colonização de todo o vasto território até a costa oeste. Ocupar todo o continente e disseminar os valores e o “modo de vida americanos” seria uma missão legada por Deus, uma tarefa, um destino. Essa doutrina tornou-se muito popular, sendo uma das principais ferramentas ideológicas de justificação e legitimação da violência usada para a concretização desse fado.

Tanto a *Tese da Fronteira* quanto a *Doutrina do Destino Manifesto* constituíram a base do senso comum estadunidense: a de que os EEUU possuem uma *especificidade*, uma predestinação divina: sendo uma nação única no mundo, nascida por meio da luta de seu povo por liberdade. Sem um passado feudal para carregar, o país seria predestinado por Deus para liderar as outras nações do mundo, levando a elas desenvolvimento econômico e político baseado em seu modelo civilizacional.

A conquista do oeste forma, ao mesmo tempo, os Estados Unidos e o estadunidense: o sujeito forma a sua nação e a nação forma o seu sujeito; ambos forjados graças à sua interpretação da moral cristã, movidos pelo espírito empreendedor, valorizando a vida familiar e comunitária, bem como as realizações e os méritos pessoais. Mas essa formação ideológica também tem suas contradições: a formação do sujeito familiar e comunitário significou uma aversão à ideia de Estado, posto que esse é impessoal e intromete na vida privada, impondo, à distância, a vontade de políticos (e seus impostos e leis) e grupo de interesses que lucram com o trabalho alheio, como os banqueiros, que de certa maneira são sujeitos animados pelo espírito absolutistas da velha Inglaterra¹. Assim, o inimigo do homem da fronteira não é apenas o

¹ Neste sentido, escreveu Turner a respeito do “homem da fronteira” quando atua na política e em detrimento do “homem da cidade do leste”: “*Eles [os homens da fronteira] logo se tornam políticos que trabalham, e a*

índigena ou o mexicano, mas é também o “homem do leste”, o “povo das cidades grandes”, que são belas, movimentadas, intensas, mas também que engolem as pessoas simples. Em outras palavras, há uma dicotomia, ao menos simbólica, imaginada, entre uma ideologia do sujeito individual, o “homem da fronteira” e todos os seus significados, seu espírito desbravador, individualista e comunitário e, do outro lado, o Estado, impessoal, invasivo, amplo, totalitário: um império com interesses particulares e escusos. Ainda assim, essa dicotomia não pode ser superada, porque, ou resultaria na submissão do tipo estadunidense, ou resultaria na divisão e a consequente fragmentação do país, risco que correram com a Guerra da Secessão, entre 1861 e 1865. Dessa forma, os Estados Unidos da América são uma nação marcada por uma dicotomia insuperável: ao mesmo tempo que é um Estado continental unido e coeso, é também formado por um povo animado pelo espírito comunitário de indivíduos laboriosos e centrados no núcleo familiar.

Os Estados Unidos são um país que se formou no processo imperialista que envolveu dois movimentos: a colonização interna e a externa. Para o sucesso da colonização externa ele precisou e precisa expandir para as outras nações as ideologias que formou na colonização de seu próprio território. E o cinema, com seu grande poder de comunicação em massa, tem sido seu principal instrumento para isso, exportando para todas as nações onde mantém algum grau de influência seus valores e símbolos culturais.

Do Velho Oeste à Guerra nas Estrelas

E é isso que vemos em dois dos maiores sucessos de público do cinema realizado nos Estados Unidos aqui destacados. Em **No Tempo das Diligências**, realizado em 1939, o diretor John Ford traz para as telas a adaptação do conto **The Stage to Lordsburg**, de Ernest Haycox. Na história, um grupo de pessoas embarcadas em uma diligência atravessam um território de índigenas hostis. Os passageiros são absolutamente diferentes entre si. Há a jovem e distinta senhora Lucy Mallory (interpretada por Louise Platt) casada com um oficial da cavalaria que serve no oeste. Ela está grávida e viaja para encontrar-se com seu marido. Está também na diligência um jogador de cartas, Hatfield, interpretado por John Carradine, de origem aristocrática, que se sentiu atraído por Lucy e embarcou na viagem apenas para ficar perto dela e protegê-la durante o trajeto. Viajam ainda Dallas, interpretada por Claire Trevor, e o doutor Boone, vivido por Thomas Mitchell, ela é uma prostituta e ele um médico alcoólatra, e ambos foram expulsos da cidade por pressão da liga de mulheres cristãs. Também estão a bordo o xerife Curly Wilcox, vivido por George Bancroft, que conduz para a cadeia o foragido recapturado Ringo Kid, interpretado por John Wayne. Por fim, completam o grupo de passageiros o banqueiro Ellsworth Henry Gatewood, representado por Berton Churchill, em fuga com uma pequena fortuna que roubou de seus clientes e o tímido comerciante de whisky, Samuel Peacock, vivido por Donald Meek. Todos conduzidos pelo cocheiro Buck, falador e ingênuo, interpretado por Andy Devine.

Em que pese todo um imenso universo que a obra de Ford apresenta, nos concentramos aqui em alguns aspectos específicos. O primeiro deles é o quanto essas figuras tão distintas e que

diferença, senhor, entre um político falante e um político trabalhador é imensa. O Velho Domínio há muito é celebrado por produzir grandes oradores; os metafísicos mais hábeis em política; homens que podem rachar os cabelos em todas as questões obscuras de economia política. Mas em casa, ou quando voltam do Congresso, têm negros para abaná-los enquanto dormem. Mas um estadista da Pensilvânia, de Nova York, de Ohio ou da Virgínia Ocidental, embora muito inferior em lógica, metafísica e retórica em relação a um velho estadista da Virgínia, tem esta vantagem, que quando ele volta para casa ele tira o casaco e segura o arado. Isso dá a ele osso e músculo, senhor, e preserva seus princípios republicanos puros e não contaminados.” (TURNER, 2010, pág 13)

guardam entre si certa hostilidade, estabelecem laços humanizados e comunitários quando submetidos ao ambiente bravio que atravessam. Um exemplo de destaque é a relação entre Dallas e Lucy Mallory: a princípio, Lucy mantém-se distante da prostituta; em uma das cenas, chega a mudar de mesa quando Dallas se senta ao seu lado em uma das paradas da viagem. Mas, quando ela dá à luz numa estalagem, é Dallas quem cuida dela e da recém nascida. No final da viagem, ambas trocam poucas mas profundas palavras de amizade e confiança. Outro ponto é a religiosidade mostrada de forma sutil, mas firme e determinante: quando os índios atacam furiosamente a diligência e a munição dos passageiros chega ao fim, o jogador Hatfield, sabendo da violência e crueldade com que os apaches tratam suas vítimas, guarda sua última bala não para si, mas para Lucy. Sem que ninguém veja, enquanto ela ora de olhos fechados por uma salvação, ele aponta sua arma para a cabeça dela. No entanto, no momento em que puxaria o gatilho, Hatfield é atingido por uma bala disparada por um dos indígenas, e nesse mesmo momento ouve-se a corneta da cavalaria, que chega para salvar a diligência. Assim, Hatfield é redimido de sua vida de jogador, morrendo como protetor de Lucy. Ao mesmo tempo, a cavalaria, que geralmente representa a coesão do Estado nesse tipo de filme, surge como resposta à prece da jovem senhora. Um último ponto importante a se destacar é a motivação do xerife Curly Wilcox em levar Ringo Kid para a cadeia. Ringo havia sido injustamente preso aos 16 anos de idade e fugiu para vingar a morte de seu pai e irmão, assassinados covardemente por criminosos. O Xerife havia sido amigo do pai de Ringo e acreditava que levá-lo de volta ao presídio seria a única forma de impedir que fosse morto no duelo de vingança. Assim, é o apego familiar e o laço de amizade, e não o cumprimento da lei, que move o xerife. Na viagem, Ringo se apaixona por Dallas e a pede em casamento. A princípio, a moça se incomoda: ela corresponde à paixão de Ringo, mas sua vida na prostituição, o local de baixa qualidade em que vive e sua triste experiência de vida a faz se sentir imerecedora de tal felicidade. Mas Ringo a convence, e depois de conseguirem concluir a viagem e de Ringo vingar a morte de seus parentes, ambos fogem (com a anuência do xerife Curly Wilcox) para o único lugar onde as pessoas podem viver sem sofrerem com as injustiças do mundo: a fronteira.

Em **Guerra nas Estrelas**, que parece tão distante de **No Tempo das Diligências**, seja no tema quanto nas personagens, vemos as mesmas representações da *Tese da Fronteira* que aparecem no filme de John Ford. Na ficção de George Lucas, naves espaciais com colonos cruzam o espaço como as antigas carruagens que atravessavam o continente americano rumo ao oeste. Interessante notar que a já icônica abertura de Guerra nas Estrelas inicia-se com a frase: “A long time ago in a galaxy far, far away...” (“Há muito tempo, em uma galáxia muito muito longe...”), que evoca, de alguma forma, um passado, e não um futuro, e um local distante, como o “far west”, o “oeste distante”. Assim, já em seus minutos iniciais, **Guerra nas Estrelas** conecta seu público, o estadunidense, não com o futuro, mas com o seu passado e com sua fronteira distante. E o preenche com os colonos que fogem de um império absolutista (como era a Inglaterra ao tempo da Independência), mas que também pode ser entendido como a representação do governo distante, “do homem do leste” ou “da cidade grande”, que a todo o tempo tenta intervir na vida comunitária. Os laços que unem os heróis de Lucas são, novamente, a amizade entre aventureiros, como Hans Solo, interpretado por Harrison Ford, e Chewbacca, vivido por Peter Mayhew, e entre familiares, como Luke Skywalker, vivido por Mark Hamill, e a princesa Leia, trazida à cena por Carrie Fisher. Destaca-se que Hans Solo é um verdadeiro cowboy, na forma de se vestir e de atuar com sua arma presa à coxa. Também os colonos, enquanto lutam para superar o Império, buscam um novo lugar para começarem sua vida comunitária, na mais distante fronteira intergaláctica.

Destaca-se, ainda, a questão religiosa, que é apresentada em duas passagens: numa delas, Darth Vader, o vilão, que já havia sido um Jedi, debate com um engenheiro do Império a importância da “velha religião”. Durante o debate, utiliza-se de seus poderes sobrenaturais para estrangulá-lo sem tocar em seu pescoço, confirmando que acima da ciência reina o poder além da matéria. Em outra passagem, é o Jedi que acompanha e treina Luke Skywalker quem entra em debate com Hans Solo acerca do poder da “força” sobre a matéria, e o faz demonstrando suas habilidades sobrenaturais. Assim, ainda que revestido de certo ecletismo mítico-religioso comum aos anos de 1970, **Guerra nas Estrelas**, assim como **No Tempo das Diligências**, traz para a cena um sentido religioso, a prevalência do espiritual sobre o material e uma certa predestinação de “povo escolhido”.

Conclusão

Este é um texto com apresentação de apontamentos sobre um estudo ainda em processo. Mas observamos desde já e com segurança que a *Tese da Fronteira* atravessa as principais obras do cinema estadunidense, dialogando com a cultura comum daquela nação, com seus símbolos e mitologia fundante. Também exportam tais ideologias a outras nações, como parte de suas estratégias imperialistas e colonialistas. Para tornarem-se a potência mundial que ainda são, mesmo que enfraquecida nos últimos anos, é preciso um alto investimento no sentido de manter a coesão interna e, ao mesmo tempo, influenciar outros povos. Neste sentido, a produção cinematográfica tem sido um potente instrumento formador do senso comum do povo estadunidense. E dado o seu alcance global, associado aos altos investimentos em propaganda e uma série de outros expedientes de incentivo ao consumo de bens culturais, faz dele o senso comum global.

Bibliografia

ANDERSON, Perry. **A Política Externa Norte-Americana e Seus Teóricos**. São Paulo. Boitempo Editorial. 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo, Companhia das Letras. 2019.

APTHEKER, Herbert. **Uma Nova História dos Estados Unidos: A Revolução Americana**. Rio de Janeiro, civilização Brasileira. 1969

ÁVILA, Arthur Lima de. **História e Destino: a Frontier Thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372_9dc83aa8d9d7912c5a34b872f42230cf.pdf>

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz, **Formação do Império Americano**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2016.

HOFSTADTER, Richard. **Antiintellectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1967

LUKACS, John. Uma Nova República, **História dos Estados Unidos no Século XX**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 2006.

MONROE, James. **December 2, 1823: Seventh Annual Message (Monroe Doctrine)**. University of Virginia. Disponível em < <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/december-2-1823-seventh-annual-message-monroe-doctrine> >

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Política Externa dos Estados Unidos: Continuidade ou Mudança?**. Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2003.

TURNER, Frederick. **The Frontier in American History**. Edição Dover, Nova York, Editora Dover, 2010.

_____. **The Significance of the Frontier in the American History**. Disponível em < <http://xroads.virginia.edu/~Hyper/TURNER/chapter1.html> >